



Pequena palestra com uma múmia (1845):
do conflito entre a ciência e a consciência da realidade do passado¹.

Edson Silva de Lima²

Recebido em: 30/12/2018

Aceito em: 16/01/2019

RESUMO

Nesse artigo, atentamos em perceber de que maneira os *elementos* da história nacional norte-americana aparecem no *Somme word with a mummy* (1845) do poeta e contista, Edgar Allan Poe, sem que a pretensão seja fazer o mapeamento de uma identificação referencialista. A intenção aqui é perceber a leitura possível de seu conto fantástico como refiguração da história norte-americana oitocentista, sem tê-la como partícula central de seu trabalho. De modo que procuramos, portanto, fugir do desejo de “reduzir certos textos a funções representativas, ilustrativas ou sintomáticas” (LACAPRA, 1983, p. 24). Centramo-nos na dimensão referencial do texto ficcional, aproximando assim a história norte-americana como tema fulcral para literatura fantástica poeana. Nesse sentido, nos preocupamos em demonstrar os caminhos narrativos que endossam nosso prognóstico de que, a literatura fantástica, não está diretamente subordinada à imaginação que o lastro referencial, que a compõe, está diretamente intervindo na composição ficcional e, assim, há a concepção de outro mundo que não o mundo das coisas.

Palavras-chave: Ficção. História. Imaginação.

Somme word with a mummy (1845): from the conflict between science and the awareness of the reality of the past.

ABSTRACT

In this article we try to understand how the elements of American national history appear in the poem and storyteller Edgar Allan Poe's *Somme word with a mummy* (1845) without the pretension of mapping a referentialist identification. The intention here is to perceive the possible reading of his fantastic tale as a refiguration of nineteenth-century American history, without having it as the central particle of his work. So we try to avoid the desire to "reduce certain texts to representative, illustrative or symptomatic functions" (LACAPRA, 1983, p. 24). We focus on the referential dimension of the fictional text, thus approaching American history as the central theme for fantastic poeana literature. In this sense, we are concerned with demonstrating the narrative paths that endorse our prognosis, that fantastic literature is not directly subordinated to the imagination, that the referential ballast that composes it is directly intervening in the fictional composition and, thus, there is the conception of another world than the world of things.

Keywords: Fiction. Story. Imagination

¹ Artigo baseado no capítulo primeiro da minha dissertação de mestrado defendida em 2017 no Programa de Pós-graduação em História – UNIRIO.

² Doutorando em história pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; mestre em história pela UNIRIO; bolsista CAPES. edson_hist@yahoo.com.br. <http://lattes.cnpq.br/8450776305584305>



1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem a intenção de, por meio de um estudo de caso, exercitar a aproximação entre história e ficção, procurando, nesse sentido, perceber pontos de interlocução e nexos culturais. Para isso, elegemos o poeta, escritor, crítico literário, Edgar Allan Poe (1809-1849), especificamente seu conto fantástico *Somme word with a mummy* (1845) com o propósito de compreender de que maneira os *elementos* da história nacional norte-americana aparecem neste conto, sem que a pretensão seja fazer o mapeamento de uma identificação referencialista.

A intenção aqui é perceber a leitura possível de seu conto fantástico como refiguração da história norte-americana oitocentista, sem tê-la como partícula central de seu trabalho. De modo que procuramos, portanto, fugir do desejo de “reduzir certos textos a funções representativas, ilustrativas ou sintomáticas” (LACAPRA, 1983, p. 24). Centramo-nos na dimensão referencial do texto ficcional, aproximando assim a história norte-americana como tema fulcral para literatura fantástica poana. Nesse sentido, nos preocupamos em demonstrar os caminhos narrativos que endossam nosso prognóstico, de que a literatura fantástica não está diretamente subordinada à imaginação, que o lastro referencial que a compõe está diretamente intervindo na composição ficcional e, assim, há a concepção de outro mundo que não o mundo das coisas.

Com efeito, nos interessa os desvios da imaginação. Dessa maneira, percorremos um território fronteiriço que teria nos limites do irreal a capacidade de apontar a existência da ordem sobrenatural que não se opõe à do real, mas antes, se mostra como uma expansão dos sonhos no mundo sensível. Sendo assim, podemos afirmar que a arte poana se articulou com a afirmação de que “a arte não exige nem uma participação brutal com a realidade, nem uma adesão intelectual como a verdade” (CAMARI, 2014, p. 48).

Edgar Allan Poe, em seu conto *Pequena palestra com uma múmia*, de 1845 publicado na *American Review* desenredou fios interessantes para começarmos a discutir algumas



questões centrais sobre a história norte-americana. De modo que não faremos uma descrição extensiva, mas sim introdutória e, a partir de então, verticalizaremos nossas discussões.

Em termos gerais, a narrativa fala de um grupo de cientistas norte-americanos liderados pelo Dr. Ponnonner. Apresentando, inicialmente, a banalidade da vida, o corriqueiro e o comum; ambientando o leitor na rotina e na trivialidade do narrador-testemunha³ que disse: “o banquete da noite anterior mexera-me com os nervos. Estava com uma terrível dor de cabeça e sentia-me desesperadamente sonolento” (POE, 2008, p. 2). Essas primeiras sentenças demonstram o quanto de genérico e ordinário pode ser a vida de qualquer pessoa, retirando o status que possa preencher o imaginário social sobre a vida dos cientistas do século XIX, cheia de descobertas e novidades, acentuando que um dos pontos centrais desse conto seria, exatamente, condenar os exageros autossuficientes da ciência que buscava “reconhecimento de sua intelectualidade e supremacia sobre os demais” (BELLIN, 2010, p. 186).

Ainda na trama, durante a noite o narrador-testemunha recebe um chamado do Sr. Ponnonner que, ansioso, o convoca para que junto com outros colegas possam examinar uma múmia que conseguira com o diretor do Museu da Cidade; estava contente e animado com essa conquista. O que se sucede a seguir é uma descrição do estado do “sarcófago” e o debulhar do mesmo. O sr. Gliddon “não teve dificuldade em interpretar os caracteres puramente fonéticos, representando a palavra *Allamistakeo*” (POE, 2008, p. 31) que em inglês significa “tudo um erro” incluindo um “o” no final. Segundo Greicy Bellin, “o nome da múmia é bastante sugestivo, pois simboliza o papel que ela exercerá ao longo da narrativa: o de mostrar aos pesquisadores que tudo o que eles acreditam não passa de um equívoco” (BELLIN, 2010, p. 187).

Depois de desnudada a múmia, há um espanto quanto à sua conservação e à técnica de embalsamamento. Isso aponta para certo desconcerto com aquilo que os cientistas - especialistas se ancoravam; a confiança em seu conhecimento científico que o permitiriam saber de forma holística vários aspectos de outras culturas.

Rasgando o papiro, encontramos a carne em excelente estado de conservação, sem nenhum odor perceptível. A cor era avermelhada. A pele rija, macia e lustrosa. Os dentes e os cabelos achavam-se em boas condições. Os olhos (assim parecia) tinham

³ “O narrador-testemunha se envolve nos fatos, mas se encontra em posição periférica, tendo autoridade e ao mesmo tempo, o afastamento e a objetividade necessários para narrar; isso o diferencia do narrador protagonista, que faz com que todos os eventos girem em torno dele mesmo”. BELLIN, Greicy. “*Pequena conversa com uma múmia*”: a faceta humorística de Edgar Allan Poe. **Rev. Letra**, Curitiba, n.82. p. 179-192, 2010.



sido removidos e substituídos por outros, de vidro, que eram muito belos e maravilhosamente vívidos, exceto quanto à fixidez demasiado acentuada do olhar. As unhas das mãos exibiam brilhante dourado (POE, 2008, p. 32).

Em seguida, com a hora já avançada, iniciam uma série de testes, começando com uma bateria a induzir cargas elétricas no artefato. Essa experiência é bastante marcante, pois, mais uma vez, Poe desloca os homens da ciência de seu lugar objetivo e de autocontrole do objeto e da vida.

Moral e fisicamente, figurativa e literalmente, o efeito foi elétrico. Em primeiro lugar, o cadáver abriu os olhos e piscou com muita rapidez por vários minutos, como faz o Sr. Barnes na pantomima; em segundo lugar, espirrou; em terceiro, sentou-se, em quarto, brandiu o punho diante da face do Dr. Ponnonner, em quinto, voltando-se para os Srs. Gliddon e Buckingham, dirigiu-se a eles, no mais puro egípcio (POE, 2008, p. 34) .

Pasmados com as reações e, por conseguinte com a “ressurreição da múmia”, se escondem ao ouvir seu discurso ridicularizador que não mede esforços para reclamar seu corpo violado. Disse ela com avidez,

Devo dizer-vos cavalheiros, que estou tão surpreso quão mortificado pelo vosso procedimento. Do doutor Ponnonner, nada de melhor se poderia esperar. É um pobre toleirão que nada sabe de nada. Lamento-o e perdoo-o. Mas vós, senhor Gliddon e Silk, vós que viajastes pelo Egito e lá residistes, a ponto de se poder crer que lá houvésseis estado desde o berço – vós digo eu, que tanto vivestes entre nós, a ponto de falardes o egípcio tão bem, penso, como escreveis vossa língua materna – vós a quem sempre fui levado a considerar como amigo fiel das múmias – realmente, esperava de vós conduta mais cavalheiresca (POE, 2008, p. 34-35).

Esse discurso de abertura do debate tem itens bastante importantes quanto à complexidade argumentativa do conto, entre elas, a consciência da personagem mortificada, agora viva, que conhecia bem os doutores que passaram um bom tempo pesquisando e residindo no Egito. Isso denota que, de alguma forma, o passado olha para o presente que, pendente, entra e sai de seus portões. É bastante curioso perceber que o passado não é apenas observado, mas observador e traz consigo dados, comentários e considerações quanto ao exame desses intrusos que a todo tempo incorrem seus caminhos. O passado não é um lugar imóvel de consulta e aprendizado, mas dinâmico e plástico, sujeito e ator na vida e na história.

Daí em diante, a narrativa toma efetiva abertura para o fantástico e para o satírico vinculada a expressão “qualidade nativa” que “significa que a obra humorística [e fantástica] é considerada nacional, ou seja, intrinsecamente vinculada ao contexto em que foi produzida”



(SILVA, 2007, p. 49). Isso aparece de imediato a partir de um caloroso debate entre os cientistas (sujeito) e a múmia (objeto).

Me parece, no entanto, que uma relação de pergunta e resposta começa a ser estabelecida entre os personagens que disputam a qualidade dos valores sociais de suas respectivas sociedades. A sociedade norte-americana do século XIX representada pelos membros da comunidade científica “representantes de todas as ideologias exageradas que consideram o presente melhor que o passado” (SILVA, 2007, p.147); enquanto a múmia representante ávida de seu tempo e, consciente da realidade que a circunda, personifica “os valores e ideologias de sua comunidade” (SILVA, 2007, p. 147) refinada. Eles falam sobre diversos temas tendo como cerne a superação dos antigos (passado) pelos modernos (presente). Entre os temas podemos elencar eixos centrais: Economia (manufatura e estradas de ferro) política (democracia) cultura (arquitetura, funeral e poços artesanais) ciência (microscópio e forças mecânicas) e metafísica (História, verdade e progresso).

Desse modo, a relação sujeito e objeto seriam colocados em cheque por Edgar Allan Poe quando “humaniza” a múmia, retirando-a de seu lugar de objeto, quebrando com isso a relação científica, que estava estabelecida pelos doutores. Vejamos nesse trecho: “observou-se então que o conde (esse era ou parecia ser, o título de Allmistakeo) teve um leve tremor, sem dúvida de frio” (SILVA, 2007, p.37).

Não é de se esperar que os Senhores Doutores fossem atingidos por essa experiência que lhe fizesse algum mal ou bem, digamos que seja o bem da autorreflexão que produziu o seguinte pensamento: “Talvez, a verdadeira razão deva ser procurada no espírito deste nosso tempo, que procede totalmente de acordo com a regra dos contrários, hoje usualmente admitida como solução de tudo quanto respeito a paradoxos e impossibilidades” (POE, 2008, 35).

Continuamente, no debate com a múmia os cientistas articulam argumentos que evidenciam seu orgulho quanto à superação daquilo é antigo e, portanto, passado. Fica, pois claro que os temas apresentados e já mencionados anteriormente, são portfólios que endossam a argumentação dos doutores à múmia Allmistakeo. Denota-se, de alguma forma, a angústia de ultrapassar seu passado colonial de raízes “britânicas”, embora com recorte específico na independência, em relação a metrópole, já que no período colonial estaria a gênese da nação norte-americana (GRABO, 2000, p. 36).



Nesse tocante, questionar essa “gênese” é fundamental. A complexidade composta por uma formação colonial altamente assistemática em relação ao processo colonial ibérico sistemático, a pluralidade de credos e crenças e a resistência, senão o *medo* da perda da autonomia político-religiosa local; nos apontam uma fragmentação contínua em todo processo de independência norte-americana (NICHOLAS, 1999).

Alguns historiadores acentuam, inclusive, que a própria ideia de “antibritanismo” deve ser vista com cuidado, pois não teria sido uma realidade efetiva e holística. Se colocarmos uma linha divisória entre o norte e o sul do território “nacional”, veremos que os colonos do sul tinham uma relação “saudável” com sua metrópole, afinal de contas sua economia era marcada pelo comércio externo de Tabaco, sendo que a ruptura total com a Inglaterra poderia também significar um terrível golpe a sua estrutura econômica (BAILYN, 1955). Além disso, segundo Leandro Karnal, os interesses acirravam essa “fronteira”; “os colonos do Sul queriam o domínio do Mississipi; os do Norte, o domínio do comércio de peles e a posse dos bancos pesqueiros da Terra Nova” (KARNAL, 2013, p. 72). É preciso assinalar também que o tema da independência não era um consenso no Norte, existindo grupos contraditórios a essa ideia, como evidencia Bernard Bailyn (2001, p. 40) em seu texto *Dois Revoluções* (1998). Segundo ele, os americanos conheciam bem a ideia de poder centralizado, e isso acarretava uma grande ressalva quanto à perda de privilégios e autorrepresentação.

Assim sendo os cientistas do conto procuravam acentuar o reconhecimento de sua intelectualidade e supremacia, ratificando sua autorreferencialidade como superação dos vestígios da metrópole. De certa forma, essa lógica científica estava em consonância com o método filosófico dos norte-americanos do século XIX. Alexis de Tocqueville (1998 p. 3) explica isso como um “espaço individual da razão” americana, mostrando que, aos norte-americanos,

escapar do espírito de sistemas, do jugo dos costumes, das máximas familiares, das opiniões de classe e, até certo ponto, dos preconceitos nacionais; não tomar a tradição mais que como uma informação e os fatos presentes como um estudo útil para fazer de outro modo e melhor; procurar por si mesmo e em si mesmo a razão das coisas, tender ao resultado sem se deixar acorrentar ao meio e visar o fundo através da forma: são estes os traços principais que caracterizam o que chamarei de método filosófico americano.

A múmia, para Greicy Bellin (2010, p. 186), retrata “um ser ancestral, portador de uma verdade desconhecida pelos cientistas e também uma denunciadora da sua ignorância”. Isso



demonstra o quanto que a “tradição”⁴ ainda teria a contribuir para construção do mundo moderno e, nesse sentido, a tessitura social se distende incorporando outros e novos fios. Mostrando, por conseguinte, outra chave importante na compreensão do mundo moderno, a contradição, em que segundo Hans Robert Jauss (1996), o novo realçaria o antigo e este sobreviveria ao novo. Uma relação paradoxal e contraditória ao mesmo tempo (o paradigma da modernidade); evidenciando nesse tocante a relação tradição e modernidade. De imediato vemos uma relação entre a experiência estética e a experiência histórica, indicando os nódulos que de alguma maneira predispõe as rupturas e continuidades na dinâmica social norte-americana.

Em contraposição, o Dr. Ponnonner e seus colegas, “membros da comunidade científica consideravam que tudo o que há de melhor está no presente e não no passado” (POE, 2008, p. 187). Em um argumento muito interessante o Sr. Silk Buckingham faz a seguinte contribuição:

a longa duração da vida humana no seu tempo, assim como a prática ocasional de vivê-la, como o senhor explicou, a prestações, deve ter acentuado fortemente, na verdade, a tendência para o desenvolvimento geral e a acumulação do saber. Presumo, por isso, que devemos atribuir a marcada inferioridade dos antigos em todos os ramos da ciência, quando comparados aos modernos e, mais especialmente, aos ianques, inteiramente à solidez mais considerável do crânio egípcio (POE, 2008, p. 42-43).

Incomodada, a figura do sr. Allamistakeo questiona: “confesso novamente – retrucou o conde com muita suavidade – que encontro certa dificuldade em compreendê-lo; por obséquio, a que ramos de ciência alude o senhor?” (POE, 2008, p. 43). A resposta foi instantânea e quase coletiva, de modo a detalharem “prolaxamente as suposições da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal” (POE, 2008, p. 43).

A sátira poeana está em uma crítica a mentalidade pragmática norte-americana que teria como centro fundamental depreciar a tradição, em favor da superioridade da ciência, e da ideia das descobertas de controle e utilidade da natureza; de modo a colocar em cheque os avanços científicos que a múmia disse terem seu tempo alavancado (SILVA, 2007, p. 148). Me parece que os doutores percorrem o caminho da autoafirmação, em que de alguma forma reconhecessem as descobertas do passado, mas de modo algum podem ser comparativamente tão importantes quanto as invenções modernas, portanto, do presente.

⁴ Deve ser lido aqui, sobretudo, como modelo de civilização. cf. STAROBINSKI, J. *As máscaras da civilização: ensaios*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Isso posto, a questão da modernidade nos Estados Unidos aparece contendo certas peculiaridades e, entre elas não há como negar algumas “chaves universais” que abrem possibilidades ao mundo, sobretudo, no que se refere ao conhecimento científico, em seus diversos espaços de atuação e aplicação. Tornando-se um elemento característico do projeto político nortista industrial que se distancia do projeto sulista arraigado em hábitos e costumes “tradicionais” como a escravidão e o latifúndio. O mundo oitocentista se mostrava, portanto, atrelado ao que René Remond (1976) indicou ser um espaço fértil em revoluções de diversos matizes. O Conde *Allamistakeo* naquele momento teve uma resposta bastante afiada nesse sentido, quando disse “que Grandes Movimentos eram coisas terrivelmente comuns em seu tempo e, quanto ao Progresso, havia sido a certa altura um completo aborrecimento, mas que não chegou jamais a progredir” (POE, 2008, p. 45).

A modernidade como transformação e perversão se apresenta, portanto, como vigência do profano; atravessada pelo personagem que transbordará as fronteiras e limites do mundo moderno, a múmia. De modo que, enquanto experiência do tempo/espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e dos perigos da vida elas são encobertos pela ambiguidade da modernidade, que se expandem e se fecha como a respiração, inspirando e expirando em ritmos circunstanciais⁵.

Liderado pela modernização, couberam às descobertas tecnológicas a responsabilidade pelo acentuado aumento do volume e do valor das trocas internacionais no século XIX, uma vez que tenham sido de suma importância para o progresso a contar da estrutura férrea financiada na Europa e nos EUA pelo capital privado em que operavam as máquinas a vapor. A comunicação também sofreu mudanças significativas, além das descobertas química e elétrica. Podemos, portanto, acrescentar ao argumento de dupla revolução do historiador inglês Eric Hobsbawn (2007) uma terceira revolução, esquecida em favor da revolução francesa: A revolução americana que tem consigo chaves importantes, entre elas a autonomia e a democracia baseada no princípio isonômico da liberdade⁶.

Desse modo, os cientistas não perdiam seu vigor, enalteciam seu tempo, seus costumes e sua política, como aparece nesse trecho: “[...] falamos então da grande beleza e da

⁵ Ver: JAUSS, Hans Robert. *Apêndice*. (Sobre o capítulo “A modernidade”, em Fragmentos sobre Baudelaire, de Walter Benjamin.) In: OLINTO, Heindrun Krieger. (org.). **Histórias de literatura**: as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.

⁶ Ver: GREENE, Jack P. and POLE, J.R. *A companion to the American Revolution*. Oxford, UK, Blackwell PublishersInc: 2000.



importância da democracia, e muito nos esforçamos para despertar no conde uma compreensão cabal das vantagens de que gozávamos em viver num país onde havia sufrágio *ad libitum*⁷ e nenhum rei” (POE, 2008, p. 45).

A democracia aparece como elemento central da fundação da nação norte-americana, e é, portanto, preciso assinalar que está estritamente relacionada a noção de liberdade. Em vista disso, a experiência moderna estaria de alguma forma atrelada e incorporada ao *ethos* democrático. Robert Darnton, explica que esse *ethos* democrático não pode ser visto como “o rastro de uma partícula radioativa no sangue”, portanto, passível de ser rastreada e localizada, por isso, não estaria sujeito a mapeamentos universais. Isso quer dizer que se trata de um processo em constante movimento. A exemplo disso, Darnton e Duhamel (2001, p. 14) afirmam que Thomas Jefferson acreditava que uma geração não poderia se impor a outra encontrando uma possível solução na rescisão da Constituição de quinze em quinze ou de vinte em vinte anos. Segundo eles, julgamos conhecer a democracia pelo que ela foi, sendo isso um equívoco, já que não se trata de um fenômeno estável, “a democracia inscreve-se na história” (DARNTON; DUHAMEL, 2001, p. 13), por isso possui dinâmica, versatilidade e, por conseguinte, instabilidade.

Mapear alguns pontos comuns às democracias existentes, sendo eles raízes bem fincadas no solo político e social demonstra o que há de compatível e compartilhado no *ethos* democrático. Em todos os sistemas democráticos, dizem eles, os elementos compartilhados são: “o governo do povo pelo próprio povo ou por seus representantes livremente eleitos; os direitos do homem; limites constitucionais que restringem o exercício do poder governamental” (DARNTON; DUHAMEL, 2001, p. 14). Nesse tocante, Alexis de Tocqueville⁸, a partir da discussão da liberdade e da igualdade procurou explicar o desenvolvimento sociopolítico de diversos países da Europa comparativamente ao que seria o centro de seu estudo, os Estados Unidos, mostrando que o avanço progressivo da igualdade seria um fator providente de aspectos universais, do mesmo modo que, escapa cotidianamente, ao controle humano⁹, corroborando de certa forma com o que Darnton e Duhamel

⁷ Ad libitum é uma expressão latina que significa "à vontade", "a bel-prazer".

⁸ O terceiro capítulo dessa dissertação tem como discussão central as aproximações e se possível de mapear, a leitura de Edgar Allan Poe da obra “A Democracia na América” de Alexis de Tocqueville, portanto, aqui indicamos um ponto fundamental que será desenredado posteriormente.

⁹ Ver: TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América. Leis e Costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



argumentaram. Ainda nessa cadeia de debates, o sr. Conde *Allamistakeo* não recebeu essa notícia de bom grado. Segundo o narrador, ele “não pareceu muito satisfeito”. E retrucou:

Quando acabamos, disse ele que, fazia muitíssimo tempo, ocorrera algo bem semelhante. Treze províncias egípcias haviam de súbito resolvido tornar-se livres e dar um magnífico exemplo ao resto da humanidade (...) Durante algum tempo, as coisas correram muitíssimo bem, somente que seu costume de jactar-se era prodigioso. A coisa acabou, porém, com a consolidação dos treze estados com mais de quinze ou vinte outros, no mais odioso e insuportável despotismo de que jamais se ouviu falar na superfície da terra.

Essa resposta do sr. *Allamistakeo* é bastante representativa, na medida em que cria um quadro de rejeição às demarcações políticas que deram ao território americano seu manancial formador. Nesse personagem, Edgar Allan Poe dá voz ao medo e a incerteza que estava presente no cotidiano colonial. A ideia de uma política democrática tinha consigo maus ares. Foi somente com Andrew Jackson (1829-1837) que a própria ideia de democracia tomou uma sustentação “territorialista”, centrada no *homem comum* (BURSTEIN, 2003). Segundo Charles Baudelaire (2003, p. 124), “não devemos, portanto, admirar-se de que os escritores americanos, ao mesmo tempo em que reconhecendo a sua [a de Edgar Poe] potencialidade singular como poeta e contista, tenham sempre minimizado seu valor crítico”, justamente porque ele acentuava seu desconforto para com essa dinâmica plural, que sobrepunha, inclusive, o projeto sulista aristocrático.

Nesse tocante, os argumentos da múmia, me parecem não apenas demonstrar um certo conhecimento quanto a teorias discutidas, mostrando o equívoco da pré noção de sua ignorância, mas também, golpeou as ideologias progressistas que desvalorizavam a tradição endossadas em seus inquiridores.

Enquanto aristocrata sulista¹⁰, Edgar Allan Poe, não se mostrava tão otimista quando aos princípios fortemente arraigados em uma democracia que concedesse direitos amplos a todos os “americanos”. De modo que o reformismo religioso abolicionista de Charles G. Finney (1792-1875) também não era visto com bons olhos, pois propunha uma reforma individual e, por conseguinte, religiosa; mas queria também junto com os reformadores

¹⁰ Segundo Luciana Romano Fontes, em seu artigo *A ideologia sulista representada pelas personagens em ... E o vento levou, o cavalheiro sulista*, se comporta como o esperado para o homem daquela região, ou seja, é extremamente honrado, belo, aristocrata, modelo de estabilidade e sofisticação; sabe beber, jogar e apostar como qualquer homem da região. Disponível em, http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/LucianaRFontes.pdf> consultado em 29/01/16.



religiosos do qual fazia parte, uma reforma social e política que os colocassem em certo nível de “perfeição cristã”, “atacando os pecados coletivos” como o tráfico de bebidas alcoólicas, a guerra, a escravatura, e combatendo até o governo” (FERNANDES; MORAES *Apud.* KARNAL, 2013, p. 119). Esse *Second Great Awakening* (1790-1840)¹¹ atravessou os Estados Unidos e quase toda da vida de Edgar Poe. A ideia de uma unidade no sentido político universal, não parecia ser algo aprazível para ele.

Além disso, a literatura de Poe floresceu no sul, região considerada atrasada em relação ao norte, devido a uma economia baseada no latifúndio e na escravidão. Poe afirmava que o estilo de Emerson era obscuro demais, além de se opor ao conservadorismo de poetas como Henry Wadsworth Longfellow e de criticar as ideias abolicionistas e reformistas que os poemas de Emerson veiculavam (BELLIN, 2010, p. 183).

Isso posto, o que aparece aqui são dois rios de correntes contrárias, que se chocam com frequência. Se por um lado, começa-se a rascunhar o tema da identidade nacional composta na tentativa de unificação do território, e, por conseguinte, harmonizar os certames entre norte e sul, por outro, verifica-se um aprofundamento do mito do Cavaleiro do sul, que segundo Spiller,

pode não ter muita base nos fatos econômicos da história sulista, mas por volta de 1830, quando Poe começou a escrever, ele já se cristalizara como imagem literária de uma sociedade empenhada na defesa de uma estrutura social e cultural aristocrática (SPILLER, 1967, p. 71).

Essa afirmação reforça e respalda uma inclinação em que “o mundo externo com seus habitantes transforma-se num mero sistema de símbolos para invenção de sua mente” (SPYLER, 1967, p. 76), ou seja, a narrativa não está preocupada com sua carga referencial, mas em tecer considerações à maneira como o novo mundo foi experimentado pelo autor, bem como, sua posição frente a ele. Desse modo, o narrador encerra o conto absolutamente cético, e em um tom tanto herético quanto auspicioso com a seguinte asserção:

A verdade é que estou absolutamente farto desta vida e do século XIX em geral. Estou convencido de que tudo vai mal. Além disso, anseio por saber quem será

¹¹ Foi a segunda onda de *revival church* ocorrido nos Estados Unidos da América e consistia na salvação pessoal renovada, que se experimentava em reuniões de reavivamento da fé. Essa manifestação teve desdobramentos significativos na política e na sociedade, reagindo “contra os antigos políticos da aristocracia tradicional e valorização de figuras como Andrews Jackson”, colocava em cheque o projeto iluminista e o princípio de “mundo mecânico”, valorizando a emoção e a intuição e decretando a vitória dos sentimentos sobre o intelecto; representada nas eleições de Jackson x Adams. cf. SMITH, Timothy L. *Revivalis mand social reform. American Protestantism on the Eve of the Civil War.* New York, Abingdon Press. 1957.



presidente em 2045. Portanto, tão logo acabe de barbear-me e de engolir uma xícara de café, irei à casa de Ponnonner fazer-me embalsamar por uns duzentos anos (POE, 2008, p. 47).

Ademais, Edgar Allan Poe abre diversos caminhos à verificação de elementos nacionais, seja para a crítica social de certo otimismo progressista tendo como centro a rejeição à tradição, seja para chamar atenção de seus críticos mostrando que é preciso se aprofundar no seu trabalho para não continuarem perdidos, e ainda para constar a fragilidade dos exageros do século XIX, “mostrando que o passado pode ser uma chave para se interpretar o presente” (BELLIN, 2010, p. 185). Esses nódulos presentes no conto evidenciam um equívoco já mencionado, de que sua literatura ficcional não disporia de uma relação com sua realidade social.

Podemos afirmar, portanto, que Edgar Allan Poe ocupava uma posição singular no *establishment* literário de seu tempo. Entre os muitos grupos que se formavam direta ou indiretamente no território norte americano, os **Transcendentalistas de Concord** que tinham Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau e Margareth Fuller como alguns de seus membros mais ilustres exerciam influência significativa na vida intelectual americana, expondo suas ideias e princípios por meio da revista *The Dial* (1840-1929). Edgar Poe negava sua aproximação com esse grupo por suas discordâncias pautadas, sobretudo na ênfase do individualismo, na afirmação do valor da pessoa comum e sua linhagem liberal. No entanto, sua carreira literária permitiu aproximações interessantes. Depois de perder um dos muitos concursos de contos que participava teve a sorte de conhecer o novelista e político whig John Pendleton Kennedy (1795-1870), que durante algum tempo, além de seu leitor também acumulou o ofício de ser seu mentor.

Durante algum tempo fez parte do *Tales of the Folio Club* (1832-1836), segundo Benjamin Fisher esse foi “um grupo de pretensiosos literatos, que seguiram uma ceia repleta de álcool amplo lendo críticas de areia de seu próprio esforço em ficção”¹² [tradução minha]; depois do fracasso de muitas tentativas de publicar um volume com seus contos, ele se afastou

¹² “a group of pretentious litterateurs, who followed a supper replete with ample alcohol by reading sand critiques of their own endeavor in fiction”. FISHER, Benjamin F. “*Poe and the Gothic Tradition*”. In: HAYES, Kevin J. **The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe**. Cambridge University Press. 2002, p. 72-91.



do grupo, deixando um trabalho completo intitulado *Tales of the Folio Club. Eleven Tales of the Arabesque*¹³.

Arrisco inclusive, a incorporar ao seu *hall* de alcunhas, o conceito de *Outsider*¹⁴. Isso se torna notório quando lemos as divergências de opiniões entre seus contemporâneos, de modo geral excessivamente negativas. Alguns críticos tributam essa visão de certa forma forjada nas considerações póstumas de Rufus Griswold, “Tennyson o achava um gênio, e Emerson acreditava que ele era um homem da selva. Henry James pensava que o fascínio em relação a obra de Poe refletia um estado primitivo de consciência” (SPILLER *Apud* BELLIN, 2010, p. 183).

Sandra Tomc elege alguns comentários de contemporâneos de Poe que nos dão a dimensão da dificuldade que ele tinha de se relacionar com *mainstream* que o cercava, vejamos: para Nathaniel Parker Willis, “Sr. Poe escreveu com exigente dificuldade, e num estilo muito acima do nível popular para ser bem pago”; George R. Graham concorda dizendo que “uma grande organização mental, como a de Poe - a grande tensão e tom de seus Nuncas primorosamente amarrados ... eram totalmente inadequados para os empurrões rudes e a competição feroz do comércio”; e Henry Beck Hirst disse “Poe nunca foi um servidor do tempo, e como um crítico que não podia, e não iria mentir. Como uma consequência, ele fez inimigos, - como vermes comedores de sujeira nos currais da literatura ... Mas seu número era legião - e ele era apenas um” [Tradução minha]¹⁵.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desses comentários podemos traçar três possibilidades: a) seus hábitos literários composicionais não estava na benesse de agradar o paladar do leitor popular; b) seu

¹³ Ver: HAMMOND, Alexander. *Edgar Allan Poe's Tales of the Folio Club: The evolution of a Lost book. Poe at work: seven textual studies* (1978), p. 13-43.

¹⁴ Na língua inglesa, o termo *outsiders*, quer dizer: os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. ELIAS, Norbert. Ensaio teórico sobre as relações *estabelecidos-outsiders*. In: *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2000.

¹⁵ “Mr. Poe wrote with fastidious difficulty, and in a style too much above the popular level to be well paid”; George R. Graham agreed “[T]he very organization of mind such as that of Poe – the very tension and tone of his exquisitely strung nevers...utterly unfitted him for the rude jostling and fierce competition of trade”; and Henry Beck Hirst said “Poe was no time server; and as a critic he could not, and would not lie. [A]s a consequence, He made enemies, - like carping muck-worms in the barnyards, of literature ... But their number was legion – and He was only one”. Ver: TOMC, Sandra "M. “Poe and his circle”. In: HAYES, Kevin J. *The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe*. Cambridge University Press. 2002, p. 21.



contínuo estado de autoflagelo o indisponha para competição no mercado editorial e c) por fim, sua postura radical de não fazer concessões quanto a severidade de suas críticas a escritores de influência política rapidamente o colocaram em situação de *persona non grata*. Esses fatores foram substanciais para exclusão de Edgar Allan Poe do *establishment* literário de seu tempo.

Segundo Sandra Tomc, “a alma perturbada de Poe, responsável nessas explicações por sua alienação da corrente literária e dominante principal”, continua a ser um dispositivo explicativo poderoso nas avaliações modernas de sua vida profissional e obras” [Tradução minha]¹⁶” (TOMC, 2002, p. 21); essa postura quando a sua condição *outcast*, produzia uma inadequação quanto à cultura de cortejamento e, inevitavelmente limitava sua atuação no mundo das elites letradas norte-americana.

Dessa forma, um título como ‘autor importante na compreensão da conformação da identidade nacional’, seria arbitrário, mas deixaria em suspenso, seu fascínio pela forma de vida sulista, onde ele foi criado e passou grande parte de sua infância, e, na contramão daquilo que deveria delinear os caminhos de uma circunscrição universal não homogênea de nação, nele teria certa particularidade incitada pelas franjas que enfeitavam seu ambiente-origem. De maneira que o crítico Spiller (1967, p. 70) assevera que,

Poe, sendo um artista introspectivo e de propósito bem definidos, pode ser considerado pouco norte-americano somente por ter ido mais longe do que Fenimore Cooper, distanciando-se das circunstâncias que condicionavam a sua criação literária e refugiando-se no reino da imaginação, em que todos os artistas são relacionados uns com os outros (SPYLER, 1967, p. 70).

As camadas em que penetramos nos levaram a enxergar um poeta que não se encerrou em aspectos estritamente psicologizante que subordinassem sua obra a tópicos relativos a uma vida desregrada e leviana. De maneira que nos preocupamos em ouvir outras vozes presentes em seus contos fantásticos, e assim, ampliamos nosso espectro interpretativo para que essas múltiplas vozes não cantassem em uníssono, mas que falassem das curvas, das sinuosidades e seus meandros. Permitindo-nos, portanto, concordar com a afirmação de Luiz Costa Lima quando afirma que, “a mimesis artística não é *imitatio*, mas uma *correspondência confrontativa* com os valores da sociedade que a engendrou, e que, portanto, é inapropriado tomá-la como um “retrato” de algo pré-existente” (LIMA, 2006, p. 216).

¹⁶ “Poe’s “disturbed soul”, responsible in these accounts for his alienation from a mainstream literary and “social world”, remains a powerful explanatory device in modern assessments of his professional life and works”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKIMIN, Martha. **Ficções**: entre o prelúdio de um engano e a construção de modelos de realidades. In VERSIANI, Daniela Beccacia e OLINTO, Heindrun Krieger (Orgs). *Cenários construtivistas: temas e problemas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- BAILYN, Bernard. *The New England Merchants in the Seventeenth Century*. Harvard University Press, 1955.
- _____. “*Duas Revoluções*”. In: DARNTON; DUHAMEL, et al. **Democracia**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001, 22-40.
- BAUDELAIRE, Charles Pierre. **Ensaio sobre Edgar Allan Poe**. (Trad. Lúcia Santana Martins). São Paulo: Ícone editora, 2003.
- BELLIN, Greicy. “*Pequena conversa com uma múmia*”: a faceta humorística de Edgar Allan Poe. **Rev. Letra**, Curitiba, n. 82. p. 179-192, 2010.
- BURSTEIN, Andrew. **The Passion of Andrew Jackson**. New York: Alfred A. Knopf, 2003.
- CHKLOVSKI, Victor. *A arte como procedimento*. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.
- DUPAS, Gilberto. *O mito do progresso*. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 77, p. 73-89, 2007.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ELIAS, Norbert. Ensaio teórico sobre as relações *estabelecidos-outsiders*. In: **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2000.
- FERNANDES & MORAES. *Os EUA no Século XIX*. In: KARNAL, Leandro (org). **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2013.
- FISHER, Benjamin F. *Poe and the Gothic Tradition*. In: HAYES, Kevin J. **The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe**. Cambridge University Press. 2002.
- GALLAGHER, Catherine. *Ficção*. In: MORETTI, Franco (org.) **A cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GREENE, Jack P. and POLE, J.R. **A companion to the American Revolution**. Oxford, UK: Blackwell Publishers Inc, 2000.
- GRABO, Norman S. *The Culture effects of the Revolution*. In: GREENE, Jack P. and POLE, J.R. **A companion to the American Revolution**. Oxford, UK: Blackwell Publishers Inc, 2000, 22-45.



JAUSS, Hans Robert. *O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis*. In: **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Hans Robert Jauss. et al. trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KARNAL, Leandro (org). **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2013.

LACAPRA, Dominick. *Repensar la historia intelectual y leer textos*. In: PALTÍ, Elias José. **Giro linguístico e história intelectual**. Buenos Aires: Universidade Nacional, 1983.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NICHOLAS, Canny. *Writing Atlantic History; or, Reconfiguring the History of Colonial British America*. **Journal of American History**, 1999, p. 1093-1114.

SILVA, Ana Maria Zanonida. **Humor e sátira**: a outra face de Edgar Allan Poe. 2007. 178 f. Tese (doutorado). São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007.

SPILLER, Robert E. **O ciclo da literatura norte-americana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TOMC, Sandra M. *Poe and his circle*. In: HAYES, Kevin J. **The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe**. Cambridge: University Press, 2002, s/p..